

## ESPAÇOS EDUCATIVOS

# NOSSOS ALUNOS NÃO QUEREM VOLTAR SOZINHOS

Evanilson Gurgel de Carvalho Filho\*

O longa brasileiro “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” de 2014, é oriundo do curta metragem “Eu Não Quero Voltar Sozinho”, de 2010, ambos dirigidos pelo Daniel Ribeiro. Com apenas 17 minutos, a obra original trata com bastante delicadeza a história de um adolescente cego e sua primeira paixão despertada por um colega de sala.

O diretor decidiu adapta-lo para o cinema e converteu o enredo em um longa metragem, que sem perder a essência ou diluir seus pontos positivos, preservando muitas das características presentes no curta. Os personagens e atores são os mesmos: Léo, brilhantemente interpretado pelo jovem ator Guilherme Lobo, é um adolescente que vivencia a sua adolescência com todos os questionamentos e incertezas inerentes a essa fase da vida, mas que é atenuado pela superproteção de seus pais diante da sua condição visual.

As coisas vão se potencializar mais ainda após a chegada de um aluno novato em sua sala, Gabriel, interpretado pelo Fábio Audi. Isso porque Léo começa a demonstrar interesse amoroso em seu colega e precisa lidar com todas as problemáticas de sua vida, tanto em sua casa quanto na sua escola, sendo essa particularmente evidenciada pelos seus colegas que praticam bullying com sua deficiência e, mais na frente, quando percebem o interesse amoroso dele para com seu colega.

E se o curta primava por relatar uma breve história de amor entre dois rapazes de forma natural e sem grandes maniqueísmos, o filme também abraça essa ideia, mas preza por evidenciar a busca da independência e autonomia de seu personagem principal. O próprio título sugere isso – apesar de ser visualmente desconstruído em seus créditos – e na tentativa

---

\*Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014)

de se desvincular da superproteção dos seus pais e, por vezes da sua melhor amiga da escola, Giovana (interpretada pela Tess Amorim), Leo entra em uma jornada de aceitação, busca pelas “rédeas” da sua vida, empoderamento pessoal e, no meio do caminho, a perspectiva de vivenciar a sua primeira paixão.

Todas essas problemáticas poderiam facilmente cair no melodrama forçado, mas as escolhas do roteiro de Daniel Ribeiro não abrem brechas para isso. Pelo contrário, o tom natural, delicado e sutil que permeia tanto o curta quanto o longa imprime um visual diferente de tantas outras obras que abordam a sexualidade na adolescência, principalmente se for em relação à homossexualidade.

Nesse sentido, é interessante perceber, por exemplo, que a hesitação de Léo em relação a sua paixão em nenhum momento é mostrada pelo fato do alvo desse sentimento ser alguém do mesmo sexo, o que resultaria em mais um arco dramático que vemos exaustivamente em outras obras. Aqui, o seu receio é muito mais pela possibilidade de não ser correspondido.

E isso promove uma “naturalização” da homossexualidade, que apesar de alguns mais críticos e céticos definirem o longa como uma “fábula”, o filme acaba por promover uma visão natural de como a(s) sexualidade(s) deveriam ser: sem receios, sem medos e sem tabus. Sendo assim, tal artefato configura-se como uma excelente estratégia de desmistificação de preconceitos e tabus inerentes à sexualidade na adolescência, como produtor de conhecimento e mediador de debates, além de possibilitar um olhar mais sensível sobre os indivíduos com deficiência, valorizando suas potencialidades.

A escolha de retratar a paixão de um garoto cego é, particularmente, o maior acerto de ambas as mídias. Léo não é capaz de enxergar “naturalmente” como nós.

Como então ele se apaixonou justamente por alguém do mesmo sexo? Se uma parcela significativa da nossa sociedade ainda veicula a homossexualidade como algo aberrante e não natural, como que um garoto espontaneamente se interessa por seu colega se ele não pode vê-lo?

A representação da paixão em nosso imaginário é sempre “à primeira – ou tantas outras – vista(s)”. Elementos tão banais como a voz ou o cheiro de alguém não é levado em conta nas nossas conquistas, onde a visão ainda é um fator determinante. Porém, tal obra desconstrói todos esses conceitos, quando, por exemplo, Leo cheira a camisa de Gabriel ou quando a câmera foca exclusivamente em seu ouvido enquanto Gabriel fala próximo a ele,

evidenciando a importância dos outros sentidos para a construção desse sentimento entre os dois.

Dessa forma, tratar a homossexualidade de forma natural já é, por si só, mostrá-la diferente de como ela geralmente é encarada e retratada pela sociedade, uma vez que os homossexuais quase sempre são utilizados como recurso raso de humor, figuras caricatas e que quase nunca resguardam a pluralidade das formas de ser e agir desses indivíduos. Dito isso, é de se preocupar a educação que nossos alunos recebem além dos muros das escolas, seja pelas mídias (telenovelas, programas de humor, filmes, jornais), pelas redes sociais e/ou mesmo pela discussão desses temas no seio familiar.

Como profissionais da educação devemos legitimar a chamada “educação para a sexualidade”, que segundo Rizza (2013), é um termo que cunha questionamentos e dúvidas quanto aos discursos considerados verdadeiros e únicos, abrindo espaço para a problematização dos discursos que falam sobre a(s) sexualidade(s) como construções sociais, histórias e culturais. Dessa forma, desvinculamos da chamada “educação sexual”, em que Rizza (2013) afirma que tal educação prima pelo “enfoque puramente biológico, higienista, moralista e até mesmo dessexualizado”.

Ou seja, nessa prática pedagógica o professor tornarse repetidor de esquemas arcaicos e pouco interessantes aos alunos no intuito de higienizar o sexo (quando há a predominância de aulas sobre doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez na adolescência, por exemplo), esquecendo que outras temáticas para além dessa educação mecânica e já pré-estabelecida podem (e devem) complementar, entrelaçar, relacionar e perpassar os discursos engessados e naturalizados, permitindo o questionamento por parte dos alunos, e dando autonomia para que eles possam emponderar-se ao expor seus posicionamentos – e consequentemente desconstruir tabus oriundos da forma como a sociedade encara as relações de gênero e orientação sexual.

Além disso, o filme promove uma ampla discussão em relação à inclusão social de indivíduos com deficiência e ao bullying. Ao posicionar o personagem principal, deficiente visual, como autônomo e capaz de vivenciar sua cotidianidade o mais independente possível, possibilita-se um novo imaginário ao público quanto ao indivíduo com deficiência. Dessa forma, Léo nunca é mostrado como incapaz ou inferior aos seus colegas, mesmo quando esses são bullies provocativos e capazes de proferir palavras hostis quanto à sua condição.

Um exemplo disso é quando um dos “valentões” da sala reclama com a professora diante da possibilidade de sentar ao lado do garoto. “Professora, se eu sentar nessa carteira

atrás do Léo, toda hora eu vou ter que ficar fazendo favorzinho pra ele. Pô (sic), o cara não faz nada sozinho”. E por mais que a falta de uma imediata resposta a altura de tal despautério pudesse sugerir uma fraqueza de Léo diante do seus bullies, a cena seguinte o redime de qualquer omissão ao mostrar o garoto buscando sua autonomia em algo tão simples quanto abrir o portão de sua casa – o que sua melhor amiga faz diariamente – e evidenciando que a preocupação dele não é em relação ao outros, mas em relação a si.

Consequentemente, são inúmeras as potencialidades do longa a serem trabalhadas em sala de aula. O professor que se dispor a fazê-lo terá como mediar uma discussão bastante proveitosa em todos os aspectos que caracterizam a obra e consequentemente, abrir novos horizontes para seus alunos. Porque eles não querem – e nem devem – voltar sozinhos.

## **Referência**

RIZZA, Juliana Lapa. **Educação sexual, orientação sexual, educação para a sexualidade...** Revista Diversidade e Educação [recurso eletrônico]/ Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. v.1, n.1. (Jan/Jun. 2013). Rio Grande, 2013.